MIGRAÇÃO SOB CONTRATO: A OPINIÃO DE EÇA DE QUEIROZ

Julita Scarano
Unesp- Ceru

Produtos de exportação

Durante a segunda metade do século XIX, o crescimento da agricultura de exportação, a abertura de novas áreas para o cultivo, com melhor aproveitamento de terras capazes de trazer maior lucro, coincide com problemas relativos à escravatura. E o momento em que a Inglaterra pressionava por um novo sistema de trabalho e por razões internacionais e também locais, o escravismo ou melhor, o tráfico negreiro vivia seus últimos decênios. Tal acontece tanto em S. Paulo, com a cultura do café, como em Cuba em relação à cultura da cana e a produção de açúcar.

A questão da mão de obra, como se dizia no período, se torna mais e mais aguda e diferentes soluções que vinham timidamente sendo buscadas anteriormente, passam a ocupar a mente daqueles que utilizavam escravos para levar a cabo as tarefas extenuantes próprias dessas culturas, a pensar em diferentes soluções. Isso acontece não apenas no Brasil e em Cuba, mas afeta inúmeras terras da América que passaram a precisar contar com a força de trabalho do imigrante. A necessidade de mão de obra que não fosse o escravo africano vai levar a novas tentativas , procurando encontrar quem fizesse o mesmo tipo de trabalho sem ser taxado de escravo. O que não impedia que se pretendesse obter trabalhadores que fossem semelhantes aos africanos escravizados, tivessem tratamento parecido, mas não carregassem a pecha de escravos, sem entretanto, deixar de sê-lo, em inúmeros aspectos.

Esse dilema se colocava diante dos agricultores deste continente, mas também daqueles que, não encontrando em sua terra meios de subsistência, tiveram que enfrentar o oceano e empreender uma mudança. Os agricultores e os governantes, os financistas a ele ligados, uma vez que os produtos que serviam de base à riqueza da nação precisavam manter seu ritmo de exportação, buscavam resolver o problema apelando para povos que necessitavam de uma válvula de escape que adiasse revoltas trazidas pela miséria. O crescimento populacional de países europeus e asiáticos, a falta de alimentos, as questões políticas e inúmeros fatores sobejamente estudados e conhecidos, fizeram de determinadas áreas focos de um deslocamento populacional. Essas forças que foram chamadas por alguns dos teóricos dos estudos migratórios de forças expulsoras, se concentravam em determinadas lugares, congregando um apreciável número de migrantes, mas não atingindo, muitas vezes, o país emissor como um todo.

O deslocamento de grupos de indivíduos de sua terra de origem em busca de outras plagas onde julgavam poder sobreviver e talvez mesmo enriquecer ,foi um dos fenômenos mais marcantes e significativos desse período, transformando profundamente, tanto as áreas emissoras como aquelas receptoras.

Do mesmo modo que a migração forçada de africanos mudou a situação das terras de onde saíram muitos escravos, e também daquelas que os receberam, transformando-as profundamente , esses grupos populacionais de novos migrantes iriam modificar e trazer muito de novo aos lugares que os receberam.

A situação dos migrantes foi muitas vezes trágica, pois os governantes dos países de origem demoraram para se preocupar com a situação de seus nacionais, uma vez que a saída de gente sem possibilidade de sobreviver em sua terra serviu de desculpa, adiando e postergando reformas e medidas necessárias para bem resolver situações locais de carência.

Nas áreas receptoras, geralmente terras onde a escravidão ainda se mantinha ou acabara recentemente, o que se desejava era conseguir mão de obra capaz de substituir o escravo que se havia perdido ou se sentia estar prestes a perder.Com a intensificação de demanda por produtos tropicais mais e mais se percebia a necessidade de trabalhadores e se lançava mão de tudo o que fosse possível para conseguí-los.

O momento, por outro lado, era favorável à movimentação transoceânica, com novas invenções e uma melhor técnica, facilitando o transporte, tornando menos longa e dificultosa as viagens e possibilitando uma movimentação humana de vastas proporções em período relativamente curto se comparado com as épocas anteriores.

O caso de Cuba e o do Brasil, melhor dizendo o de S. Paulo com a cafeicultura, servem de exemplo dessa situação. Ambos necessitavam urgentemente de mão de obra capaz de levar a cabo o empreendimento agrícola em que estavam empenhados.

A exigência de muitos trabalhadores

Produtos que, naquele momento sobretudo, mas mesmo hoje com a utilização de alguns meios mecânicos, exigem um significativo número de trabalhadores, como o açúcar e o café, no decorrer da segunda metade século XIX e mais ainda em seus últimos decênios, pediam que se encontrasse um meio de permitir uma expansão sempre maior.

O açúcar brasileiro perdera sua primazia quando a produção de cana se estendeu pelas ilhas antilhanas e passara a ter extraordinária importância em Cuba. Era produto valioso e primordial para a economia do país. Desde os últimos decênios do século XVIII a produção cubana foi sempre crescente, em tal escala que a ilha se tornou o principal exportador de açúcar e nisso se baseava sua riqueza . Quanto ao café, ele se encontrava em plena expansão em terras paulistas.

As questões relacionadas com a emancipação de escravos e o fim do tráfico,tiveram base comum em inúmeras terras americanas e foram extremamente agudas tanto em Cuba como no Brasil, como ninguém ignora, forçadas sobretudo pelo interesse econômico da Inglaterra e coloridas por razões humanitárias que se divulgaram pela Europa e pela América.

As transformações econômicas trazidas pela revolução industrial e a mudança de mentalidade oriunda de inúmeros fatores era de molde a tornar difícil levar a cabo um empreendimento de vulto como a cafeicultura nas terras fluminenses e paulistas e a continuação da grande produção açúcareira em Cuba. Apesar dos esforços dos interessados em manter o comercio de escravos nos níveis anteriores, não mais havia possibilidade disso, e alguns começavam a buscar um meio de suprir a necessidade de mão de obra de diferente maneira.

E' preciso notar que as soluções não diferiram grandemente e, nas terras americanas os governantes e também particulares , empreenderam esforços no sentido de "importar" trabalhadores que pudessem levar a cabo o que lhes parecia necessário. Nas áreas agrícolas se procurou substituir o escravo que sentiam perder. Julgava-se imprescindível que isso se processasse rapidamente a fim de que não deixasse de haver solução de continuidade e os trabalhos não fossem abandonados.

Em Cuba, bem como em S. Paulo, os primeiros esforços migratórios foram no sentido real de substituição do escravo pelo imigrante, fazendo quiçá algumas pequenas concessões que tornassem a situação mais aceitável para os próprios migrantes, bem como para seus governos. Não se pense, entretanto que os governos, tanto europeus como os da China, caso que nos interessa no momento, se preocuparam grandemente com a sorte de seus súditos. Conforme mencionado, a saída de pessoas que se encontravam em situação marginal, com problemas e dificuldades de arrumar trabalho, vinha permitir que tais governos adiassem ou jogassem para um futuro remoto a busca de uma melhor solução. O partir para outras terras lhes parecia um modo satisfatório de resolver a premente questão, uma população sem trabalho e com escassa possibilidade de uma digna sobrevivência.

Nas áreas que necessitavam de mais trabalhadores vinha crescendo a cultura de produtos tropicais, de grande interesse para os europeus e para os Estados Unidos que, com população aumentando, com melhoria de condições de vida , vinham consumindo mais açúcar e também o café que se tornara moda, inclusive com abertura de várias casas onde especialmente se consumia o produto. Aqueles derivados da cana também se viam cada vez mais procurados e era preciso que se resolvesse a questão da mão de obra. Apesar de que já se pensara no povoamento de determinadas áreas e esforços para ocupá-las haviam sido empreendidos anteriormente, nos últimos decênios do século XIX a necessidade de trabalhadores se tornou especialmente aguda quando a escravidão africana se encontrava em seu limite.

A migração de chineses

No Brasil e em menor proporção, mesmo em Cuba, a migração de habitantes do extremo-oriente foi , de certo modo, minoritária, não caracterizando os grupos que constituíram as grande correntes daquilo que se chamou de "a grande migração" que marcou o último decênio do século XIX e os inícios do XIX. Ela, entretanto, tem aspectos peculiares que a tornam sui-generis dentre as nações que ocuparam grande papel e formaram, no período, os grupos de migrantes. Mesmo em Cuba, conforme veremos, a corrente chinesa, se bem que muito significativa e relativamente numerosa, ocupou um período determinado e curto, enquanto no Brasil a vinda de japoneses é obra do século XX e a de outros povos da Ásia oriental, como os chineses e coreanos, é bastante recente.

Entretanto, as relações com o extremo-oriente marcaram a conquista e a ocupação territorial do Brasil por meio dos comerciantes, magistrados e aventureiros que freqüentavam tanto a Ásia quanto a América, num intercâmbio contínuo.[1]Produtos

[1] Alguns autores que estudaram sob diversos aspectos o relacionamento entre a China e o Brasil foram : Lacerda Werneck, Salvador de Mendonça, Carlos Francisco de Moura, Joseph Conrad, que se dedicaram sobretudo a questões migratórias, além de outros que estudaram a relação de Portugal com o oriente,

variados, sobretudo a porcelana, que aliás muitas vezes foi chamada de Companhia das Índias, eram encontradas em inúmeros lugares do Brasil, mesmo os afastados do litoral.

A influência oriental é notável em muitos aspectos, sobretudo aqueles artísticos, com visões idealizadas de uma China que se repete em reproduções de gravuras, pinturas parietais e em biombos, além de leques e outros objetos de uso. Essa influência se faz sentir sobretudo em S. Paulo, Bahia e Pernambuco, sem esquecer Minas Gerais, que apesar de distante do mar ocupa relevante papel nesse aspecto. Sem dúvida, a igreja de Nossa Senhora do O' de Sabará é um dos mais belos e expressivos exemplos dessa influência, mostrando como os portugueses trafegavam e mantinham ligações com os extremos da terra.

Desde o século XVI o contato de Portugal com o oriente tinha sido contínuo, inclusive pela presença de religiosos, como os jesuítas, por exemplo, que tiveram significativo papel nesses relacionamentos. Desde esse período, um ou outro escravo chinês foi encontrado em Portugal, levado pelos comerciantes que constituíam o grosso dos que se dirigiam para as assim chamadas Índias, que, muitas vezes os haviam comprado ainda crianças de seus pais sem meios de os criar. Isso ainda se faz notar no século XVIII[2] e em 1747, frei Hilário de Santa Rosa, bispo de Macau se queixa de que chinesas eram tratadas como escravas, mesmo que o imperador houvesse ordenado anteriormente que era proibido a venda de filhos e filhas. Ordem certamente não cumprida, uma vez que o vice-rei de Cantão a reitera em 1750. A questão só foi solucionada em 1759. Assim, chineses escravos vieram inclusive para o Brasil, se bem que sejam escassas as notícias de escravos dessa origem.

Já no século XIX, na época de D. João entraram no Brasil um restrito número de chineses, que permaneceram em grande maioria no Rio de Janeiro. Interessante é o fato de 300 deles terem sido trazidos de Macau para plantar chá no jardim Botânico do Rio de Janeiro. Teixeira Leite julga que, apesar de pouco numerosos, como encontraram uma cidade com população escassa, não deixaram de influenciar e assinala que os viajantes os notaram e fazem menção desse grupo . Por outro lado, havia muitos produtos que continuavam a ser importados, principalmente a porcelana.

Quanto aos demais países americanos, o Peru e a Costa Rica são os mais interessados na migração chinesa. O caso de Cuba apresenta algumas características próprias. Data de 1847 a entrada dos primeiros trabalhadores chineses em Cuba, enviados pela firma de Londres Zulueta and Co. Até a data da extinção do envio de trabalhadores contratados na China, 1874, cerca de 140.000 haviam sido enviados, talvez nem todos para Cuba, mas alguns para outras ilhas. Foi apenas quando chegaram membros de uma Comissão Chinesa para averiguar as condições em que viviam seus súditos , que esse tráfico cessou.

Eça de Queiroz, cônsul em Havana

O que me chamou a atenção sobre a questão dos chins, conforme diziam naqueles momentos ,foram os relatórios[3] do escritor Eça de Queiroz, em sua função de cônsul em

---

privilegiando inclusive Macau como Charles Boxer ou José Roberto Amaral Lapa que analisando a Bahia e o comercio das Indias mostrou importantes aspectos desse relacionamento.

[2] José Roberto Teixeira Leite, A China no Brasil, influências, marcas, economia e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras, Campinas, Ed. Unicamp, 1999

[3] Eça de Queiroz, Correspondência consular, Edição de Alan Freeland, Lisboa, Edições Cosmos, 1994 .Esses relatórios são em forma de carta.

Havana, bem como o fato de ele se dedicar a escrever um trabalho entitulado A emigração como força civilizadora[4]. Não podemos esquecer que o grande escritor foi cônsul em inúmeros lugares, tais como Havana, New Castle, Bristol, Paris e segundo seus biógrafos e comentaristas sempre se interessou pelos migrantes, bem como pelos operários ingleses, isto é ,o grupo de desfavorecidos que viviam nos lugares onde atuou. As considerações escritas sobre Cuba, bem como as de NewCastle e Bristol foram conservadas no ministério português com a letra do Eça, portanto não sofreram influência e modificações posteriores, segundo informa o comentarista.

Além dos Relatórios enviados na sua função de cônsul escritas nos lugares em que viveu, também escreveu a obra acima citada, o que vem demonstrar seu interesse pelo assunto. Os Relatórios apresentam a versão oficial, isto é mostram o que o escritor verificou em seu papel de agente consular, assuntos que interessariam a Portugal, que ele representava como diplomata de carreira e por sua vez, A emigração como força civilizadora nos mostra as considerações do autor sobre o assunto, dando, em breves frases o modo como se processava a migração e a característica de cada país, tanto os emissores como os receptores. Também levanta hipóteses sobre o melhor meio de se organizarem as migrações. Obra de 1874 , portanto ainda não se processara o grosso da "grande migração", o que faz com que determinados contingentes que tiveram enorme peso posteriormente, como o caso dos italianos, ainda estivessem em seus primórdios, com números muito menores do que as migrações inglesas, irlandesas e alemãs. O que ele explicita mais especificamente é o que chama de "migração assalariada."

A participação de Eça nessas questões tiveram lugar quando de seu consulado em Havana. Como a maioria dos imigrantes chineses que chegavam à Cuba partiam de Macau, que pertencia a Portugal, este se viu envolvido nos problemas desses migrantes, uma vez que muitos deles chegavam a ganhar documentos portugueses e com eles entravam no país. O cônsul afirma, entretanto, que quando convinha às autoridades locais, estas seqüestravam esses documentos e mesmo os destruíam. Desde a primeira carta relatório que enviou de Havana, em dezembro de 1872, o escritor não deixa de notar esses males, mas ainda mantém certa esperança de que eles sejam modificáveis. ..."a importância desse consulado que pode abrir a cem mil almas o registro de nacionalidade portuguesa: é portanto urgente que o Governo de S.M. atenda às condições em que vive aqui esta população colona."

O serviço no consulado em Havana foi de 1872 a 1874,mas Eça permaneceu menos tempo em seu posto, uma vez que esperou até o fim de 1872 em Cadiz a papelada fornecida pelo governo espanhol para se dirigir a Havana. Também passou fora dele alguns meses no decorrer de 1873, por razões de saúde. Sua estada coincidiu com momentos tormentosos de Cuba, isto é havia a "guerra dos 10 anos" contra a Espanha , a ação dos Estados Unidos que desde muito tempo desejava se apossar ou comprar a ilha, além de interesses ingleses e outros. Eça de Queiroz menciona muito pouco tais questões, se dedica muito mais àquelas relativas à imigração. Como as lutas se processavam fora de Havana isso não o afetou diretamente , ao passo que a questão dos chineses, súditos de Portugal, constituíam o âmago de suas preocupações.

Cuba, desde os últimos decênios do século XVIII já substituíra o Brasil e se tornara o maior exportador de açúcar.[5] As plantações de cana ocupavam mais da metade das

---

[44] Eça de Queiroz, A emigração como força civilizadora , Lisboa, Ed. Perspectivas e Realidades, 1979 As obras completas desse autor foram publicadas no segundo semestre do ano 2000, com introdução e notas de Beatriz Berrini, pela editora Aguilar e ali também encontramos o que ele escreveu sobre o assunto

[5] Jordi Maluquer de Motes, "A imigração e o emprego em Cuba (1880-1930)"in Boris Fausto (org.) Fazer a América, S. Paulo, Edusp, 1999

terras aráveis da ilha. Isso levou a uma grande importação de escravos africanos que tiveram grande influência no país. Africanos foram levados a Cuba no decorrer de 350 anos , fornecendo , no durante esse período trabalhadores para a ilha. A necessidade de mão de obra capaz de levar a cabo a cultura dos canaviais e as demais do país, como o tabaco, se tornou premente quando a ação britânica se fez sentir no decorrer do século XIX. Um tratado entre a Espanha e a Inglaterra que tornou ilegal o tráfico foi assinado em 1817 , mas foi reiterado em 1835, o que mostra a dificuldade de sua execução. Porém a escravidão só vem a terminar definitivamente em 1886.

Entretanto a ilegalidade do tráfico negreiro, a ação inglesa, que temia a concorrência de Cuba em relação às suas colônias, na produção do açúcar, fizeram com que se buscasse um novo meio de trazer ao país uma população diferente, que pudesse participar, ao lado do escravo, nas lides agrícolas, e eventualmente o substituir. Foi nesse momento que se pensou em trazer os "cules " chineses para Cuba. Nos inícios esse comercio de trabalhadores era feito pelos portos de Amoy, Cantão e alguns outros do império chinês. A partir de 1853 Macau ocupava um importante papel, competindo com Hong Kong e finalmente o substituindo. Assim, o cônsul português passou a ser o responsável por esses migrantes em terras cubanas.

E' necessário notar que, semelhante ao que se processa no Brasil, a idéia de trazer imigrantes era a de fazer deles substitutos dos escravos, mesmo lhes dando o nome de contratados ou similares. O trabalhador braçal, do mesmo modo que escravo é visto como um mero instrumento, cuja função é apenas a de fornecer sua força de trabalho, na mais completa ignorância de seus direitos. Eça de Queiroz vai ver a questão de outra maneira, muitos de seus analistas julgam que por altruísmo.

Nesse momento , em busca de novas fórmulas capazes de resolver a contento, isto é, a contento dos empregadores, essa questão da agricultura levou as várias nações que necessitavam de trabalhadores a tentar uma migração baseada em contratos. Por esses contratos, que se tentou fazer inclusive com africanos e mesmo índios, o emigrante assinava um documento pelo qual se comprometia a trabalhar determinado número de anos, quase sempre 8 , mediante uma paga e depois de cumprido o contrato poderia voltar à sua terra se assim o desejasse. Essa a teoria.

Entretanto, em Cuba os proprietários haviam colocado um complicador, isto é, quem houvesse chegado antes de 15 de fevereiro de 1861 seria livre tendo cumprido os 8 anos e poderia requisitar do consulado português papeis de estrangeiro e trabalhar. Os que vieram posteriormente seriam obrigados a sair do país em dois meses ou se recontratar. Conforme se vê, tudo era feito para melhor explorar o migrante.

Mesmo assim inúmeros chineses aceitaram tais promessas e se resolveram a empreender a grande viagem e viver em solo estranho. O cônsul, escrevendo a seu superior em Lisboa diz : "Nada justifica Exmo. Sr.- estas legislações desumanas- e o estado revolucionário da Ilha não legitima esta condição subalterna e vexatória feita aos colonos."

Partiam os migrantes de Macau, vindos de algumas províncias e pela maior parte embarcavam em navios de várias nacionalidades, indo sobretudo para Cuba e para o Peru, que receberam expressiva quantidade de chineses, quase todos do sexo masculino. Assim, do mesmo modo que em relação aos africanos, sobretudo os que se dirigiam para a mineração, se estabelece uma discrepância no seio da população migrante, com grande diferença numérica entre os gêneros, trazendo muito descontentamento que se somaria aos demais sofrimentos. Esse é mais um item que mostra que, apesar do nome diferente, o contrato com chineses mantinha basicamente muitos ou quase todos os princípios da escravidão.

Uma vez que os “cules” saíam de Macau, terra portuguesa, esse país se achava envolvido pelos problemas concernentes. O cônsul afirma que não podia modificar esse estado de coisas, essa injustiça, pois o Governo da Ilha, isto é, a Espanha, além da ação dos magnatas do açúcar ,cerceava toda e qualquer ação. Assim, apesar de reclamações, apenas pequenas mudanças foram conseguidas.

Na obra que escreve posteriormente, o autor procura analisar não apenas os motivos que levavam os chineses a emigrar, o que esperavam disso, mas também todos os demais aspectos, como a viagem, a estada em Cuba e assim por diante. De resto, seu relatório de cônsul já mencionara muitos problemas dessa verdadeira e triste odisséia.

Quando escreveu sua obra, A emigração como força civilizadora, Eça menciona que a migração chinesa já havia sido proibida naqueles moldes, isto é, como contrato, mas quis, não apenas dar seu testemunho, mas também, de certo modo, impedir que tais fatos se repetissem, uma vez que os produtos tropicais de exportação encontravam sempre mais mercados consumidores e a necessidade de trabalhadores se fazia sentir.

A migração dos cules, foi, segundo esse autor, envolvida por intrigas, pelas “fraudes que a desacreditaram, cercada de catástrofes, e de crimes” e também os problemas sociais e econômicos que trouxe, e por tudo isso, sua proibição posterior se vê, no entender do autor, plenamente justificada.

Apesar de que firmas inglesas e também americanas , participassem desse verdadeiro tráfico de asiáticos, a Inglaterra se opôs a ele, segundo Eça pelos mesmos motivos pelos quais combateu o tráfico negreiro, desejosa de não dar a Cuba possibilidade de superar suas colônias antilhanas. Ele afirma que, apesar dos conflitos, dos problemas de mão de obra, de sua luta pela emancipação, Cuba continua tendo papel muito mais significativo do que as demais regiões no comercio do açúcar. Afirma que a França também se esforça para manter seus interesses na região. Julga que se tivesse havido uma verdadeira e organizada migração de chineses, sem as tremendas explorações que se estabeleceram Cuba poderia ter tido um maior desenvolvimento. Em relação a Portugal, menciona que não podia deixar de seguir as pretensões inglesas, “os deveres cristãos de Portugal coincidiram com os interesses assucareiros da Inglaterra,...Portugal não podia deixar de realizar essa supressão em attenção à dignidade nacional.” E’ o que comenta quando escreve o texto, já afastado desse consulado.

Analisando as razões que levaram os chineses que emigraram para as terras americanas, a estarem envolvidos em tantos problemas, Eça elenca dois que eram constantemente mencionados : o recrutamento na China e o transporte para a América. Mas explica que para ele existe ainda um terceiro e muito grave, ou seja a situação dos cules em Cuba.

O recrutamento, pelas leis estabelecidas se deveria processar com correção, levando para os navios apenas aqueles que estivessem realmente interessados e desejosos de emigrar. Além do recrutamento em suas terras de origem os futuros migrantes eram levados a Macau e ali deveriam esperar o embarque. Segundo o regulamento, antes de partirem numa viagem que durava de 100 a 120 dias, lhes era perguntado se realmente desejavam embarcar, se estavam bem cientes do que os esperava, etc. Segundo o autor que estamos seguindo os cules, nesse momento já se encontravam com dividas, em um lugar estranho, sem real possibilidade de voltar para sua terra de origem e pressionados pelos recrutadores terminavam por embarcar, mesmo contra a sua vontade. Outros , vivendo anteriormente em pequenas aldeias, desconhecendo o mundo e julgando que o que receberiam como pagamento constituía uma fortuna, se animavam a partir. Eça, afirma que se tudo se tivesse processado como

o estabelecido teoricamente, ninguém partiria sem desejar, mas isso não acontecia na realidade.

De resto, como sucedeu também nas fazendas de café muitos dos que se inscreviam como agricultores nada entendiam do amanho da terra, tinham diferentes profissões e não se adaptaram ao tipo de trabalho que lhes era destinado.

Quanto à questão da viagem propriamente dita, ele foi verificar pessoalmente e diz que a Casa Habanez e Comp. fretava vapores para fazer esse transporte e ele os achou higiênicos e satisfatórios. Comenta, entretanto, que as coisas não deveriam ser tranqüilas no decorrer das viagens, inclusive havia muitas outras companhias, pois houve revoltas e reclamações e problemas acontecidos nos longos dias no mar, e ele cita o navio D. Juan. Conforme afirma, entretanto, em seu relato consular, apenas os grandes navios tinham condições relativamente satisfatórias. Nos demais havia razões para o descontentamento e as queixas ouvidas são inúmeras. Aliás, os que realizavam o transporte afirmavam que os chineses chegavam aos navios esfomeados e cheios de problemas.

Nas palavras do autor: "O cooli, esse é uma simples machina, viva, indefesa e servil, a que se procura arrancar, por bem e por mal, a maior somma de trabalho e de utilidade, enquanto ella pode respirar e mover-se." Continua afirmando que chegam a obrigá-lo a trabalhar 18 horas por dia, mal alimentado, apenas arroz e banana e castigado ao menor pretexto. E' muito alto o número de suicídios, o que impressionou esse autor e os que trataram do assunto. Isso, de resto, acontecia também entre os escravos, no Brasil. Pelo que parece os cules chegavam a ser mais explorados do que os escravos, uma vez que estes, ainda existentes em Cuba naquele momento, se tornavam sempre mais difíceis de trazer, custavam caro e constituíam uma posse, ao passo que os chins, como os chamavam, eram donos de si mesmo e seu esgotamento e morte pediria apenas uma substituição.

Por outro lado, os chineses viviam cheios de dívidas, suportando um sistema similar ao que se estabelecia para os imigrantes que vieram para o café, obrigados a comprar nas fazendas o necessário para a sua subsistência, tendo que lutar para juntar algum pecúlio.

Como no caso das colônias de parceria que se estabeleceram no assim chamado oeste paulista de meados do século XIX, as reclamações e a ação dos cônsules, nesse caso foi a obra de Davatz e as medidas preconizadas por Tshudi ,levaram a uma mudança de situação. E ao fim de colônias daquele tipo., que foram experiência fracassada.

Lendo os escritos de Eça de Queiroz, seu Relatório e tudo o que escreveu sobre a "questão chinesa" em Cuba, notamos como os representantes das áreas emissoras tentaram, também em razão das contínuas queixas que recebiam, sanar essa situação calamitosa. Portugal, que entrara na questão pelo fato de os navios partirem de Macau e de muitos dos chineses que ali aguardavam embarque ou ali se encontravam ,adquirirem papeis portugueses, se via envolvido nessa situação. Os que partiam de portos asiáticos sob jurisdição inglesa não faziam parte dos chineses que dependiam de Portugal. Mas os representantes legais pouco podiam fazer para defender esses chineses. Os papeis portugueses que tais migrantes obtinham e que lhes deveria servir de salvaguarda, pouco eram respeitados. Cuba estava envolvida em guerras que culminaram com sua separação da Espanha, com problemas econômicos, dos quais a questão dos trabalhadores para a produção de açúcar era muito grave, além de pressionada pela Inglaterra e pelos Estados Unidos, ansiosos para juntar a ilha a seu país .Assim, os problemas dos chineses demoraram a ser resolvidos e mesmo com as novas medidas, o

colono, contratado ou não, teve vida difícil. Isso não aconteceu apenas em Cuba ou no Brasil.

As autoridades chinesas e os vários interesses das nações mais poderosas fizeram com que em novembro de 1877 o convênio de Pequim "encerrou para sempre a emigração de contrato dos súditos chineses." A partir desse momento e da abolição da escravatura em 1880, realmente efetivada 6 anos depois, a migração para Cuba foi majoritariamente de espanhóis.

Chineses no Brasil

Apenas para estabelecer uma comparação com o que fez parte da vida consular de Eça de Queiroz, é interessante obter alguns informes sobre a vinda de chineses a nosso país em períodos anteriores ao século XX. O escritor, falando da emigração para o Brasil de maneira geral[6], esclarece que as condições climáticas da América do Sul não são tão más como afirmam , e continua dizendo que a alta mortalidade dos colonos é mais conseqüência do tipo de vida que levam do que de problemas climáticos. Assinala que a paz reina no Brasil, menciona a falta de hostilidade contra os estrangeiros, etc, mas afirma que o grande problema brasileiro é a questão do trabalho.

Além da existência da escravidão que afasta o europeu e realmente constituí sério óbice a qualquer imigração, ele critica o sistema de parceria que, naquele momento já fora banido das terras paulistas pelos seus desacertos. Nota-se que as reclamações de Davatz e sobretudo a ação consular de Tshudi eram conhecidas em outros lugares que não os dos interessados e isso, sem dúvida atrapalhava qualquer pessoa ou grupo que pensasse em vir a este país. Eça explica inclusive no que consistia esse sistema , não passava de um contrato pelo qual o proprietário fornece a terra e os instrumentos, o colono a sua força de trabalho e o produto se divide entre ambos, cabendo a metade a cada um deles.

Julga que o sistema seria bom, uma vez que poucos migrantes tem meios de adquirir uma terra no momento da chegada e teoricamente poderiam juntar um pecúlio, mas assinala que os proprietários brasileiros impediram toda e qualquer possibilidade de sucesso, talvez por estarem habituados ao trabalho escravo. Afirma também que eles exploravam os recém chegados com altos preços cobrados sobre as passagens de navio e inclusive que mantinham sistema de armazéns, cobrando um preço elevado pelos produtos vendidos. Vemos , portanto, que eram similares os problemas que afetavam os chineses em Cuba e os colonos que vinham ao Brasil no sistema de parceria. Aliás, esse deve ter sido um dos motivos que levou esse autor a analisar esse tipo de migração. O sistema de um e de outro país não deixa de apresentar semelhanças, naturais por se tratar de terras escravistas, baseadas na economia tropical de exportação. A diferença maior consistia provavelmente no fato de Cuba se encontrar em tumulto político trazido pela longa guerra de libertação.

Também esse autor não deixa de mostrar que muitos migrantes eram mal escolhidos, incapazes de levar a cabo aquela dura tarefa e chegavam a abandonar, muitas vezes, as fazendas. Ele não menciona, mas, do mesmo modo que acontecia em Cuba, muitos dos migrantes que vinham para o amanho da terra não conheciam esses trabalhos, tinham outras profissões, geralmente urbanas. Sergio Buarque de Holanda assinala que muitos dos colonos que vinham para a parceria nem mesmo conheciam em

[6] A emigração como força civilizadora, op. cit.

sua língua materna palavras relativas aos objetos usados na lavoura.[7] Apelavam nesse caso para o português que haviam adquirido depois de sua chegada, mostrando desconhecimento dos mais comezinhos instrumentos de trabalho usados no campo.

Eça critica inclusive o novo sistema que chama de concessão, isto é de vender ou doar terras para as grande companhias que depois as repassavam para os colonos. Julga que isso também será prejudicial para o migrante e consequentemente para atrair mão de obra. Não trata de questões relativas à imigração mais especificamente para o café, mas , conforme se mencionou, o grande movimento migratório para a cafeicultura é posterior a esta obra.

Também não fala especialmente da migração chinesa para o Brasil. Por ter visto e interferido ,como cônsul , na imigração chinesa para Cuba, ali se encontrava o seu interesse e conhecimento. Parece que essa migração para o Brasil não foi mesmo citada por ele, uma vez que foi incomparavelmente menor do que a cubana e mesmo o Perú, que teve importante contingente de chineses , foi, por ele, apenas mencionado.

Teixeira Leite[8] comenta que em relação aos chineses no Brasil, apenas os historiadores da arte manifestaram maior interesse. Afirma que no século XIX entraram no Brasil dois ou três mil chineses, alguns, conforme mencionado, para a cultura do chá e mais tarde era do agrado dos ingleses a vinda de chineses a este país, que poderiam substituir os escravos negros. Isto é, se buscava mudar o escravo, uma vez que os chineses certamente viriam a ser tratados como tal . Em 1843 a Inglaterra sugeriu que o Brasil importasse 60 mil chineses, mas isso não foi aceito pelo Congresso. Discutia-se os prós e as desvantagens da vinda de chineses para o Brasil e finalmente, em 1855 foi contratada a firma americana Sampson e Tappan de Boston para trazer cules. Vieram 308, alguns chegaram doentes e os demais se sublevaram pela má alimentação ou porque, diziam, seu salário fora cortado pela metade. Assim, poucos permaneceram ,alguns foram posteriormente para o Rio de Janeiro. Uma nova sociedade tentou "importar" chineses em 1870, mas nesse momento, houve as dificuldades trazidos pelos ingleses e portugueses em conseqüência, inclusive dos problemas em Cuba. Por isso, não podendo vir de Hong Kong ou Macau, alguns poucos vieram de Cantão.

A dificuldade de arranjar trabalhadores fez com que houvesse contínuas discussões, tanto na imprensa como no Congresso. Os paulistas, entretanto, sempre se referem aos futuros trabalhadores na cafeicultura como imigrantes europeus. Alguns dos organizadores da Sociedade Promotora da Imigração, como Martinico Prado, por exemplo[9], é um dos preconizadores da vinda de europeus e inclusive vai à Europa para isso.

Entretanto , uns poucos julgavam grande vantagem na migração chinesa, mas outros a temiam, falando inclusive dos perigos da mongolização e se afirmava que uma vez que o ápice da civilização era a Europa, melhor seria batalhar para a vinda de europeus. Por outro lado, os positivistas se posicionaram contra a migração chinesa ,pois percebiam que o que se buscava era uma nova forma de escravização. Eles julgavam, como foi o caso de Miguel Lemos, que seria uma barbárie escravizar um povo tão civilizado.

Firmou-se um acordo entre China e Brasil em 1880 e em 1883 foi fundada a "Companhia de Comercio e Imigração Chinesa" para a vinda de imigrantes dessa nacionalidade. O assunto suscitou muito interesse, foi discutido não apenas por pessoas

---

[7] Sergio B. de Holanda, Prefácio à obra de Thomas Davatz, Memórias de um colono no Brasil, Belo horizonte, S. Paulo, Edusp, 1980

[8] op.cit.

[9] Nazaré Prado, In Memoria, Martinho Prado Jr., S. Paulo, 1943

ligadas ao governo, inclusive pela imprensa, abordando vários aspectos, alguns a julgando, do mesmo modo que a escravidão, antieconómica. Até mesmo Machado de Assis chegou a comentar a questão. Mas menos de 3.000 chineses vieram, quase todos foram abandonados à própria sorte, alguns se tornaram mendigos , outros, enfim viveram miseravelmente. Desse modo, termina a discussão sobre a migração chinesa para este país.

Os impasses da migração chinesa A migração chinesa no século XIX

O curto tempo no qual Eça de Queiroz ocupou o consulado de Havana se localiza justamente no momento em que se buscava, de todos os modos , mesmo os deshumanos, arrumar pessoas para as culturas e para o trabalho na América. O conseguir um apreciável número de migrantes era visto como um valor, uma vitória Ser o país escolhido significava ter quem trabalhasse por baixa remuneração, possibilitando o enriquecimento do país e dos grandes proprietários.

Alguns anos depois, mas ainda na mesma procura de mão de obra, o parlamentar Martinico Prado diz que a Província de S. Paulo poderia se orgulhar de ser a região que recebeu o maior número de imigrantes relativamente à sua população, com muito poucos retornados. Quanto aos "poucos retornados", a questão é duvidosa, os números posteriores afirmam o contrário. Mesmo porque o fato de não voltarem se baseia em um cem números de razões, conforme vimos em relação aos chineses de Cuba.

Um aspecto que chama a atenção é o esforço realizado por cubanos e paulistas, os grandes proprietários, quer particularmente, quer comandando a ação de seus governos, de substituir a mão de obra escrava que perderam ou estavam prestes a perder, por uma mão de obra que pudessem manter em semi ou disfarçada escravidão. O Brasil apelou para colonos europeus de áreas que, naquele momento, se encontravam em problemática situação. Eles, conforme aconteceu com os que vieram para as colônias de parceria , logo contaram com meios de reverter a situação, melhorá-la, ao menos, mesmo que não a sanaram de todo. Muitos saíram das fazendas onde se encontravam ou foram para a área urbana.

Quando na Província de S. Paulo se pensou em subsidiar imigrantes se fez a ressalva de que estes deveriam ser europeus, ou de procedência açoriana e canarina. Entrou em discussão se poderiam vir de outros países da América. Não poderiam ser de outras áreas.

Entretanto, alguns julgaram de bom alvitre permitir que viessem chineses, ou chins, como consta dos autos da Assembléia, porque assim se poderia estabelecer uma concorrência que seria salutar para os cofres paulistas.[10] Isso suscitou aguda discussão, pois se concluiu que seria muito mais oneroso, praticamente o dobro, o transporte de chineses, dada a distancia. Também se argumenta que os orientais que emigram pretendem voltar, mesmo morrendo no novo país querem ser enterrados em sua terra , o que traria complicações e problemas. Também outro argumento contrário é o de que quase sempre vem sós, sem família e como se pretendia que a imigração para o café fosse familiar, essas considerações tinham peso grande negativo. Martinho Prado diz textualmente..."não precisamos de escravidão de nova espécie com a sua [dos chineses] introdução".

[10] Nazaré Prado, op. cit

Portanto, se julgava que quaisquer outros povos que viessem , com exceção dos europeus, seria para um tipo de escravidão. Aliás, a experiência mostrara isso.

De resto, esse é um momento no qual as nações da Europa, em expansão colonialista que ainda se acentuaria posteriormente, desenvolvem, também por razões que consideram científicas e outras, um ufanismo etnocentrista. Julgam estar acima dos pobres povos de países tropicais, da própria Ásia, com civilização milenar, e , portanto, com direito de ocupar e controlar a terra. O próprio Eça aceita a superioridade da Europa e considera inviável que povos desse continente sejam vistos como os substitutos dos escravos. Isso não o impediu de , dentro de sua possibilidade, criticar a migração chinesa tal qual foi realizada, considerá-la imoral e injusta.

Entretanto, no Brasil se continua a trazer imigrantes baseados em contratos, conforme as palavras de Eça, substituindo o contrato com governos por aquele com companhias, que ele considerou um sistema ainda mais nocivo.

Seria interessante averiguar se aqui no Brasil se conhecia o que esse autor, tão cultuado e lido em nossa terra desde aquele tempo, escrevendo inclusive para a imprensa brasileira, teve alguma influência a respeito da crítica à semi-escravização dos chineses em Cuba e do que ele havia relatado a esse respeito. Não podemos esquecer também que esse autor contava com amigos brasileiros muito chegados. Um dos grandes amigos de Eça era Eduardo Prado, irmão do parlamentar Martinico, autor das palavras acima citadas, temendo a escravização de chineses.

Participante, por razões de seu trabalho, da situação criada pela maior movimentação populacional da história em um curto período de tempo, a migração de povos europeus e asiáticos para as Américas, o escritor Eça de Queiroz se envolveu racionalmente e emocionalmente com as mazelas trazidas por esse problema. No século XX a situação de levas e levas populacionais deixando sua terra e buscando em outras resolver sua miséria ou suas dificuldades, continua, seja pela migração rural-urbana, de grandes proporções, ou pela migração para outros países e mesmo continentes. Situação que se vê repetida continuamente, com pequenas variações, num vai e vem que parece sempre sem solução.